

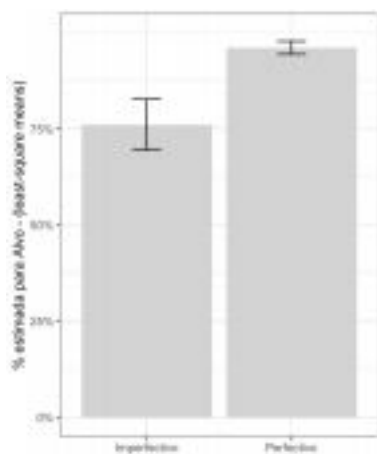
Investigando a resolução de descrições definidas anafóricas a partir de modelos probabilísticos de processamento pronominal

Mahayana Godoy (UFRN/UFMG) e Thaís M. M. Sá (CEFET-MG)

Apesar de pronomes serem apenas uma das inúmeras possibilidades estabelecer referência anafórica numa língua, modelos que buscam explicar a resolução da ambiguidade referencial geralmente destacam apenas seu funcionamento [1]. Em nosso trabalho, investigamos se alguns modelos de processamento de referência também seriam capazes de explicar a resolução de outros tipos de expressões referenciais. Mais especificamente, testamos quão bem o modelo baseado em expectativas de Kehler e Rohde (2013) [2] explica descrições definidas como "o amigo" ou "a jovem". Os pressupostos básicos desse modelo são que (a) determinadas expressões referenciais são preferencialmente produzidas com base na função sintática de seu antecedente, (b) e esse viés se relaciona com expectativas acerca de qual referente tem mais chance de ser mencionado em partes subsequentes do discurso. Apesar de essas premissas serem gerais, evidências de sua adequação provêm apenas de estudos sobre resolução pronominal em diversas línguas, incluindo o português brasileiro [3,4]. Para testar a hipótese de que esse modelo também explicaria o funcionamento de descrições definidas, realizamos um experimento *offline* de continuação de sentenças. Usamos sentenças com eventos de transferência de posse empregadas em trabalhos anteriores. Essas sentenças eram seguidas por uma descrição definida ambígua e se organizavam em duas condições: uma versão no perfectivo (cf. 1), que daria foco ao final da transferência de posse e, portanto, ao referente na posição de alvo, e uma versão no imperfeito (cf. 2), que destacaria o andamento da ação e, por consequência, o referente na posição de fonte. Em estudos com pronomes, demonstrou-se que um pronome pleno no mesmo contexto (e.g., Rodrigo serviu a torta para Caio. Ele...) era preferencialmente interpretado como co-referente à fonte no contexto imperfeito e como co-referente ao alvo no contexto imperfeito.

(1) Rodrigo serviu a torta para Caio. O amigo...

(2) Rodrigo estava servindo a torta para Caio. O amigo...



Nossa hipótese específica era de que descrições definidas ambíguas seriam preferencialmente interpretadas como co-referente ao objeto da oração anterior em (1) ou (2), uma vez que estudos anteriores demonstraram que expressões não pronominais têm mais chances de serem escolhidas para produção nesses contextos [4]. Contudo, também prevíamos que a preferência pelo alvo seria menor em (2), seguindo o que foi reportado para expressões pronominais. No total, 66 participantes completaram 18 sentenças como (1-2), 9 delas com verbos no perfectivo e 9 com verbos no imperfeito. Três avaliações independentes julgaram as continuações para averiguar a leitura feita pelos participantes. Após descartados os casos em que a sentença continuou ambígua (César estava rolando a bola para Ricardo. O rapaz não sabia muito bem jogar futebol.) ou em que

houve problema no cumprimento das instruções (Rogério estava despachando a encomenda para Samuel. O homem da empresa.), analisamos 900 observações. Análises por modelos mistos confirmam nossas hipóteses (cf. Figura 1).

Referências:

- KEHLER, A. & ROHDE, H. Prominence and coherence in a Bayesian theory of pronoun interpretation. **Journal of Pragmatics**, Special Issue on Prominence in Pragmatics, 154, 63-78, 2019.
- KEHLER, A. & ROHDE, H. A Probabilistic Reconciliation of Coherence-Driven and Centering-Driven Theories of Pronoun Interpretation. **Theoretical Linguistics**, 39(1-2), 1-37, 2013.
- GODOY, M. C.; WEISSHEIMER, J. ; MAFRA, M. A. When Grammar Meets Pragmatics: Subject

Preference and Coherence Relations in Brazilian Portuguese Pronoun Interpretation. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 17, p. 17, 2018.

GODOY, M. C. MAFRA, M. A. Modelos probabilísticos e a resolução do pronome ambíguo em Português Brasileiro. **Revista Linguística**, v. 32, n. 2, 2018.